



GT - 03: "Brasil não-metropolitano: temporalidades e espacialidades urbanas"

QUANDO O MAR VIRA SERTÃO: SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL EM CIDADES LITORÂNEAS A PARTIR DE JUQUEHY, SÃO SEBASTIÃO, SP

1

Thiago Muniz Garcia
Universidade de São Paulo
tmgthiago@usp.br

Clara Lima e Silva Penz
Universidade de São Paulo
clarapenz@usp.br

RESUMO

O objetivo deste trabalho é compreender as linhas gerais das dinâmicas urbanas presentes em cidades pequenas e médias litorâneas, pela análise do bairro de Juquehy, São Sebastião-SP. A partir de bases de dados do IBGE, imagens de satélite e fotografias, analisamos o atual momento de ocupação e urbanização de Juquehy, de maneira a articulá-las a questões pertinentes às dinâmicas urbanas de cidades de perfil semelhante. Ademais, entendemos também que o levantamento e compilação destes dados nos permitirá posteriormente à consolidação dos dados do Censo de 2022, uma análise comparativa extremamente produtiva e, até o momento, inédita para o entendimento dos processos sociais e urbanos.

Palavras-chave: Condominização; Segregação socioespacial; Juquehy

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca compreender as linhas gerais das dinâmicas urbanas presentes em cidades pequenas e médias litorâneas, tendo como objeto de análise o bairro de Juquehy, município de São Sebastião, litoral norte de São Paulo. A partir de dados sobre a ocupação do uso do solo, socioeconômicos a partir da base do IBGE, imagens de satélite e fotografias,

¹ Esta é uma pesquisa realizada para o curso de Planejamento Urbano, sob orientação do professor Nabil Bonduki da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

analisamos o atual momento de ocupação e urbanização de Juquehy, elegendo variáveis como: 'condominização', 'segregação (sócio)espacial' e 'fronteiras urbanas' de maneira a articulá-las às questões pertinentes às dinâmicas urbanas das cidades pequenas e médias, litorâneas ou não, buscando apontar e justificar algumas transformações no bairro que, hoje, possui forma de condomínio, podendo colocar-se em perspectiva com outros locais do litoral brasileiro em que ocorrem processos semelhantes. Entendemos também que o levantamento e compilação destes dados nos permitirá, posteriormente à consolidação dos dados do Censo de 2022 esteja integralmente disponível, uma análise comparativa extremamente produtiva para o entendimento dos processos sociais e urbanos presentes em cidades pequenas e médias.

Compreendemos como condominização, as práticas que levam a segregação espacial de imóveis nas cidades, tendo como base uma pretensa "distinção social", "segurança", dentre outros fatores, estimulando a formação de fronteiras urbanas no entorno de bairros e enclaves residenciais. Caldeira elucida que o condomínio caracteriza "um novo padrão de segregação espacial e desigualdade social na cidade", de modo a impulsionar "transformações nos padrões de moradias dos mais ricos e dos mais pobres" (2000, p.254). Apontamos em Juquehy e outros "bairros-condomínio" do litoral, para as "associações de moradores" que administram verdadeiras cidades dentro da cidade, com regras, infraestrutura e serviços próprios, cercadas por muros, guaritas, forte esquema de segurança e apoio do poder público.

Vilaça (2011) analisa o importante papel do Estado na intensificação da segregação através de autorizações para instalação de condomínios e fechamento de ruas, no cercamento de bairros, na facilitação de transporte, entre outros mecanismos que atendem aos anseios da classe dominante. Se no passado foi interessante pleitear a emancipação de distritos, tal como ocorreu com Bertiooga em relação à Santos, ou fracassadas tentativas, tal como o distrito de Maresias em relação à São Sebastião, atualmente estas associações cumprem um papel suficiente. Do outro lado das "fronteiras" do condomínio, vão se aglomerando ocupações formadas por habitações muito precárias que abrigam a classe trabalhadora local, em um flagrante processo de segregação espacial. MARICATO (2000) aponta que o crescimento urbano na sociedade capitalista se produz por meio da exclusão social e segregação sócio-espacial da classe trabalhadora, marcando fenômenos como a divisão social do espaço manifestado pelos problemas de habitação e periferização das cidades.

Outro fator preponderante é a cooperação entre os interesses de mercados como imobiliário e turístico que complexificam a análise das dinâmicas urbanas presente nas cidades litorâneas. Santos et al. (2017, p. 436) aponta para o interesse na possibilidade de uma "recontextualização dos assentamentos autoproduzidos, que podem acabar agregados ao mercado formal assim que suas terras estiverem suficientemente valorizadas", implicando em fenômenos como a grilagem, valorização da terra e expulsão da população pobre.

São Sebastião é um município do estado de São Paulo, localizado na Região Geográfica Imediata de Caraguatatuba-Ubatuba-São Sebastião, mais conhecida como "Litoral Norte". De acordo com o Censo 2022, sua população é de 81.595 habitantes em uma área total de 402,395 km², distribuídos pela sede e pelos distritos de Maresias e São Francisco da Praia. Possui mais de 100 km de costa, muitas vezes alcançadas pela escarpa da Serra do Mar, o que dão ao município um relevo bastante acidentado, por onde se distribuem diversos bairros de maneira fragmentada, entre às praias e as encostas, conectados pela Rodovia Rio-Santos, em um processo bastante específico de ocupação e urbanização de municípios litorâneos que possuem tais características como Bertioga, Caraguatatuba e Ubatuba.

Por seu aspecto turístico é considerado uma estância balneária, sendo a cidade mais antiga do litoral norte. Antes da colonização portuguesa, a região de São Sebastião era ocupada por indígenas Tupinambás e Tupiniquins, tendo a serra de Boiçucanga como divisa. Até a década de 1960, o município era apenas uma distinção institucional que compreendia o centro histórico e povoados esparsos pelas praias até o limite com o município de Santos.²

Atualmente, seus limites são Caraguatatuba a Norte, o Oceano Atlântico a Leste, Bertioga a Sul e Salesópolis a Noroeste. No canal fica o porto de São Sebastião e o oleoduto da maior unidade da Transpetro (a subsidiária da Petrobras responsável pelo transporte de petróleo e demais combustíveis), responsável por 80% do combustível exportado pelo país.³

Ao analisarmos bairros de cidades litorâneas como São Sebastião, devemos estar atentos a alguns aspectos sobre a forma como operam os processos de urbanização nestas cidades. Em muitos municípios litorâneos, como no caso de São Sebastião, o processo histórico de ocupação ocorreu na forma de pequenas povoações espalhadas pela costa, em continuidade a comunidades caiçaras preexistentes, onde se podiam chegar de barco ou por trilhas e caminhos

² Cf. COMISSÃO GEOGRAPHICA E GEOLOGICA DO ESTADO DE S.PAULO (1915).

³ Dados da Prefeitura Municipal de São Sebastião. Acesso em: 24. Jan, 2024

precários pela mata. Com a chegada das rodovias - Rodovia Governador Mário Covas, conhecida como Rio-Santos, e a Rodovia Dom Paulo Rolim Loureiro, conhecida por Mogi-Bertioga - a facilitação no acesso colocou as comunidades caiçaras sob a mira desde pequenos capitalistas, que ganham dinheiro com o mercado de terra, até grandes incorporadoras que projetam condomínios, hotéis e resorts.

O espaço geográfico do litoral norte é parte da reprodução da metrópole paulista, que causou uma hierarquização sócio-espacial, com base nas belezas naturais, em que as praias com paisagens mais significantes são destinadas aos mais ricos, as paisagens mais comuns são utilizadas para o turismo popular e os sertões mais distantes ficam aos mais pobres, migrantes ou população tradicional. Do mesmo modo que, a hierarquização sócio-espacial divide a metrópole em bairros ricos e pobres, o lazer também se fundamenta na desigualdade e segregação. (SCIFONI, 2006, p. 21)

Entendemos haver questões pertinentes às dinâmicas urbanas das cidades pequenas e médias, litorâneas ou não, que possam ser postas em perspectiva, buscando entender os processos urbanos que levam a produzir uma paisagem tão desigual entre os imóveis próximos ao mar e as habitações do sertão, do "outro lado" da rodovia, podendo colocar em perspectiva com outros locais do litoral e/ou outros municípios pequenos e médios em que ocorrem processos semelhantes. Milton Santos aponta para a criação de vazios interstícios no tecido urbano seguindo a lógica da especulação imobiliária. Em cidades litorâneas é comum a ocupação ter se dado seguindo a linha costeira, de maneira fragmentada e espraiada, a partir de povoações pequenas, muitas delas formadas por comunidades caiçaras:

As cidades, e sobretudo as grandes, ocupam, de modo geral, vastas superfícies entremeadas de vazios. Nessas cidades espraiadas há interdependência do que podemos chamar de categorias espaciais relevantes desta época: tamanho urbano, modelo rodoviário, carência de infraestruturas, problemas de transporte, etc (1993, p.95)

Não apenas nas grandes cidades este modelo de urbanização pode ser visto. Os modelos de bairros-condomínios, condomínios fechados, condomínios de chácaras, shoppings centers no entorno de rodovias são alguns dos objetos urbanos decorrentes desta forma de urbanização com finalidade mercantil, dispersa e policêntrica onde é cada vez mais difícil distinguir o rural e o urbano (SPOSITO, 2001), formando constelações ou nebulosas de núcleos urbanos e bairros isolados em meio ao campo (REIS FILHO, 2013, p. 13). SCIFONI (2006) por sua vez, aponta para o mercado turístico como influenciador na preservação de uma parte da vegetação de maneira a manter um aspecto de paisagem campestre, o que gera valorização nas terras que

podem vir a ser "condomínios ecológicos", clubes, hotéis-fazenda e que valha. Entretanto, é uma preservação seletiva a medida que se utiliza como justificativa para expulsão dos pobres e maior valorização dos espaços urbanos para os ricos.

2. METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

O fato central que nos moveu a esta escolha é o flagrante processo de ocupação das margens da rodovia Rio-Santos e dos arredores da centralidade de Juquehy por construções extremamente precárias que contrastam com a opulência e o luxo dos condomínios e casas que se localizam próximas à praia. Entendemos que seria profícuo analisar o perfil socioeconômico do bairro através da base de dados quantitativa do IBGE, em perspectiva com trabalho de campo que possa nos dar informações qualitativas como as motivações dos trabalhadores que, entre uma moradia mais segura, porém distante e uma habitação precária e insegura, mas próxima ao trabalho, "escolhem" a segunda, ocupando o entorno do bairro.

Analizamos o momento de ocupação e urbanização de Juquehy, reunindo informações que possam ser colocadas em perspectiva com os dados consolidados do censo de 2022 logo estejam integralmente disponibilizados, permitindo a organização e publicação de estudo inédito sobre os processos de urbanização desigual que leva a materialização de espaços segregados como bairros-condomínio e sua periferia. Para tal intento, nos apoiamos nas seguintes ações metodológicas:

- 1) Levantamento e organização de dados sobre o bairro de Juquehy referentes a:
 - a) ocupação e uso do solo;
 - b) socioeconômicos a partir do censo de 2010 e 2022;
- 2) Capturar e sistematizar imagens de satélite e fotografias
 - a) Por meio de captura de imagens a partir de plataformas privadas como Google através das ferramentas Google Earth e Google StreetView;
 - b) Por meio de captação própria de fotografias pelo autor;
 - c) Por imagens de arquivo
- 3) Trabalho de Campo
 - a) Captação de imagens e entrevistas

Vislumbramos conhecer os moradores do bairro de Juquehy através de uma pesquisa que possa qualificar os dados quantitativos do IBGE, buscando entender a relação entre moradia e trabalho de forma articulada. Para isso, executamos pesquisa teste entre pessoas que declararam morar em Juquehy, tema da primeira questão. A segunda pergunta tem o intuito de saber o tipo de relação de trabalho que os trabalhadores possuem com seu contratante, indo da mais frágil e precária até a mais sólida e estável. A terceira pergunta busca compreender as motivações que levaram a pessoa a morar próxima ao trabalho, mesmo que em uma condição de habitação precária. A quarta pergunta refere-se ao local anterior de moradia da pessoa. Por último, perguntamos sobre a perspectiva de futuro destas pessoas.

Indispensável ao conhecimento da realidade (espaço geográfico), onde os geógrafos teriam informações para construção do saber pelo processo empírico da observação crítica em uma relação dialética de interação onde a investigação do objeto reconstrói o sujeito, ao mesmo tempo que o sujeito reconstrói seu objeto (SUERTEGARAY, s/n).

3. RESULTADOS E REFLEXÕES

A sociedade, a fim de garantir sua própria sobrevivência, transforma a natureza e a si mesma através do trabalho social que produz valores de uso. No capitalismo, esses valores adquirem a forma, além de valor de uso, a de valor de troca, o que compõe a mercadoria. Assim sua reprodução pressupõe as relações de propriedade privada, pois a sociedade passa a estruturar-se entre aqueles que detêm a propriedade dos meios de produção e aqueles expropriados ao longo do processo histórico os quais detêm apenas a propriedade de sua força de trabalho vendida no mercado em troca de um salário a fim de garantir sua reprodução.

Somente o estudo crítico do espaço permite elucidar o conceito. De um espaço natural modificado para servir as necessidades e as possibilidades de um grupo, pode-se dizer que este grupo dele se apropria. A posse (propriedade) não foi senão uma condição e, o mais frequente, um desvio desta atividade “apropriativa” que atinge seu auge na obra de arte. Um espaço apropriado assemelha-se a uma obra de arte sem que dela seja o simulacro (LEFEBVRE, 1974, p. 192).

Nesse sentido, a apropriação refere-se aqui ao ato de posse através do uso, constituindo assim significados de pertencimento e identidade das pessoas que ocuparam/alugaram um imóvel no sertão de Juquehy buscando uma condição melhor de acesso ao trabalho e de renda,

contrários aos de estranhamento/alienação promovidos pelo valor de troca, aqui representado pelos imóveis luxuosos cercanos à praia. A apropriação de diversos espaços, por exemplo, a proximidade com a praia que permite o lazer próximo à residência e também o maior tempo livre disponível pela possibilidade de se deslocar a pé para o trabalho, permite a estes moradores, mesmo sob as condições vulneráveis de moradia, alguns momentos de lazer, hipótese que a pesquisa de campo pode ajudar a confirmar.

Na figura 1, vemos a imagem de satélite mostrando o bairro de Juquehy, localizado entre os bairros de Barra do Una e Barra do Sahy, todos pertencentes ao distrito de Maresias. A figura 2, por sua vez, mostra as ocupações ao longo da Rodovia Rio-Santos e expansão no sentido da Serra do Mar.

Figuras 1 e 2: Imagem de satélite do bairro de Juquehy



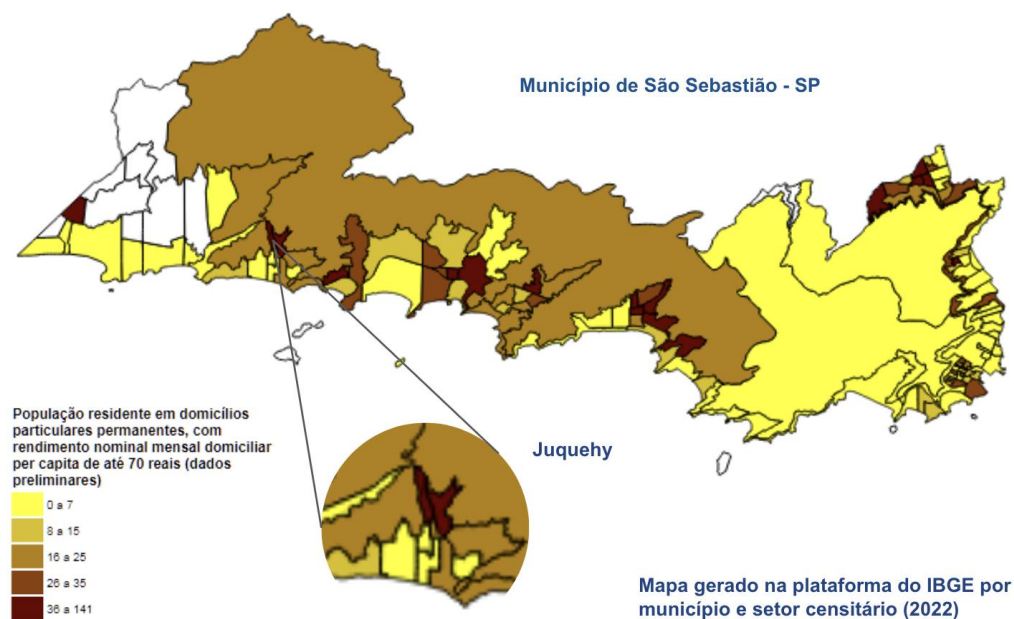
Fonte: Google Earth (2023), elaborada pelos autores.

Na figura 3, obtida em ferramenta disponível no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostramos o rendimento mensal estratificado, tendo como parâmetro os setores censitários do município de São Sebastião. Destacamos o setor censitário que compreende nosso objeto de análise, entre os setores com maior vulnerabilidade social.

A plataforma Patadata.org (Figura 4), faz um recorte espaço-racial a partir de dados do IBGE, sendo os pontos verdes indicando pretos e pardos e azuis indicando brancos. Fica patente a segregação racial presente no bairro, tendo a região próxima à praia uma densidade demográfica baixa, marcada pelos pontos espaçados entre si, e majoritariamente branca.

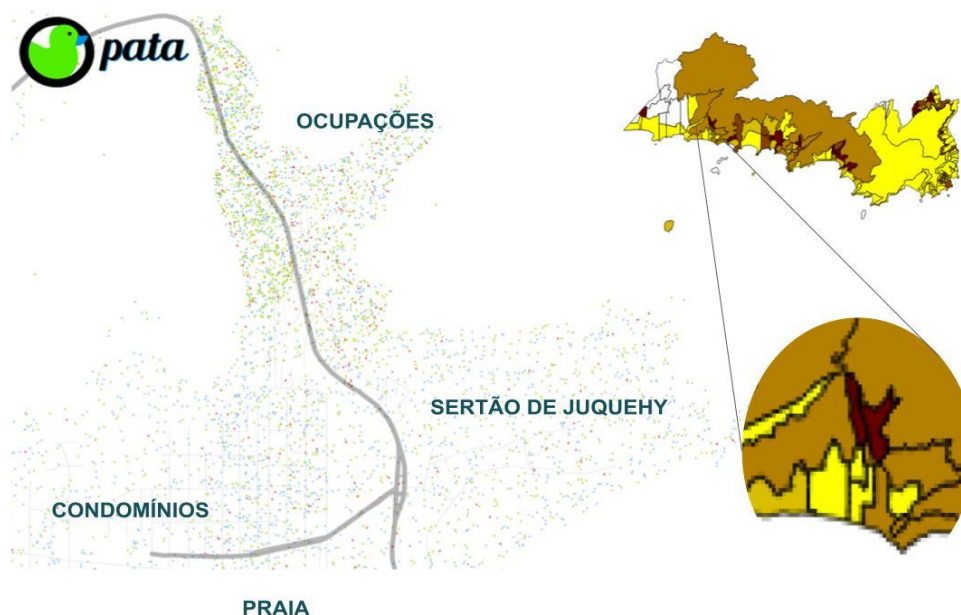
No sertão de Juquehy, entre a rodovia e a encosta, há maior concentração de pessoas, dentre as quais, pretas e pardas, assim como ao longo da rodovia, onde se localizam as ocupações.

Figura 3: Mapa com dados socioeconômicos do município de São Sebastião



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). Elaborado pelos autores.

Figura 4: Mapas de ocupação em Juquehy - Densidade demográfica a partir de recorte racial (à esquerda), em perspectiva com critérios socioeconômico a partir de setores censitários (à direita)



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022) e Patadata.org (2022). Elaborado pelos autores.

Nos mapas gerados a partir da plataforma do IBGE mostram que as habitações ao longo da rodovia também são as socialmente mais vulneráveis, com renda nominal mensal abaixo de 70 reais e com outros índices como maior parte das habitações sem coleta de esgoto e distribuição regular de energia elétrica.

Imagem 5: Mapa do município de São Sebastião.



Fonte: Patadata.org elaborado pelos autores.

O mapa, que mostra todo o território do município de São Sebastião, com pequenas variações, aponta no mesmo sentido do bairro de Juquehy, notadamente marcado pela presença de menor densidade demográfica próxima à praia e com população majoritariamente branca, enquanto nos locais entre a rodovia e as encostas uma maioria de população parda.

Sposito (2013) explica a segregação como processo expresso no espaço, em razão de relações sociais de grupos diversos que entendem a separação como uma necessidade para realização de seu modo de vida. Com isso, o conceito de cidade é implodido pois a participação e convívio dos indivíduos na vida urbana é. Ademais, a segregação se manifesta em uma dinâmica complexa que vai além da caracterização centro versus periferia. VILAÇA (2012) justamente aponta esse fato, dissociando-o, em seu automatismo, como uma condição precípua de desigualdade social. De fato, existem uma série de exemplos que podem ser elencados para demonstrar que tal interpretação não dá conta de uma miríade de processos complexos que envolvem a exclusão e segregação nas cidades, de cidades médias até metrópoles como o Rio de Janeiro, em que há diversos núcleos de exclusão por toda a cidade, mesmo junto às áreas nobres da zona sul tais como as comunidades da Rocinha e Vidigal.

(...) a Zona Sul [do Rio de Janeiro] nunca teve periferia pobre. Seja no início do século XX, tempo em que Ipanema e Leblon eram periferia em que Barra da Tijuca o era, seja hoje, quando o Recreio dos Bandeirantes o é. Favela incrustada na mancha urbana (como a Rocinha) não é periferia segundo nenhum conceito do termo. Além disso, em São Paulo, Granja Viana, Alphaville e Aldeia da Serra mostram que há décadas existem áreas mais ricas não só fora do centro, mas na periferia afastada. (VILAÇA, 2012)

Uma grande contribuição de Vilaça à crítica ao modelo de expansão concêntrica é, certamente, por luz sobre o uso ideológico que a naturalização com que é vista a periferização da pobreza como prejudicial a real compreensão da complexidade dos fenômenos que influenciam a ocupação urbana e isso impacta diretamente a compreensão dos processos de segregação espacial também em cidades pequenas e médias, além das cidades litorâneas que possuem núcleos de urbanização fragmentada ao longo da costa como Bertioga, São Sebastião e Ubatuba, fortemente afetadas pelo mercado imobiliário e turístico.

Com processos ideológicos, por meio dos quais a classe dominante produz e difunde ideias que visam esconder os processos reais de produção do espaço urbano desigual, que não é necessariamente centro versus periferia (Idem, p. 40)

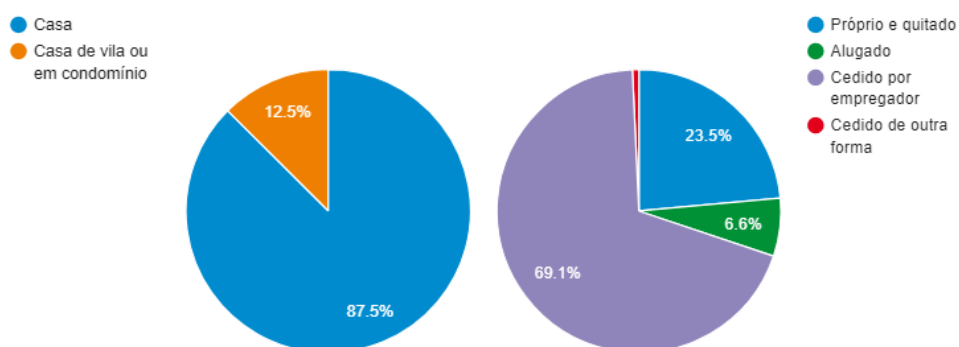
Assim como existem múltiplas instâncias de poder capitalistas exercendo forças - por vezes em conjunto, por vezes destoantes entre si, cada qual buscando o maior acúmulo de capitais possível - há também outros fatores que levam os processos de ocupação irregulares imbricados a regiões cênicas das cidades, apontados por LENCIONI (2015):

As características contingentes e as não contingentes do sítio urbano tem relação direta com o preço de custo da construção de um imóvel. Construir sobre um declive, em área topográfica acidentada, por exemplo, envolve um custo diferente de construir sobre um terreno plano. Uma parcela do espaço no sítio urbano tem também características não contingentes devido à presença e adequação das infraestruturas urbanas, ou da ausência delas, num dada parcela do espaço, exemplificando. (LENCIONI, 2015)

Os sítios, contingentes ou não, apontam para algumas das dinâmicas de ocupação em São Sebastião como, por exemplo, as áreas de encosta, ainda mais distantes do mar do que os sertões, locais a priori desprezados pelo mercado imobiliário que prefere os locais planos, que Juquehy oferece entre a rodovia e o mar e onde as ocupações objeto deste trabalho se localizam, formando um possível "território reserva" para posterior valorização. Nesse sentido, as ocupações podem ter uma função importante pois podem gerar posteriormente processos de regularização fundiária que permitirão a sua incorporação dessas terras ao mercado imobiliário.

Os gráficos da imagem 6 mostram a porcentagem de tipos de domicílios no setor censitário correspondente a área gerida pela Associação de Moradores, onde podemos ver uma importante quantidade de domicílios cedidos por empregadores.

Imagem 6: Tipos de domicílios particulares permanentes x sua condição de ocupação



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)

Pretende-se colocar este dado em perspectiva com os consolidados do Censo de 2022 e com resultados das entrevistas em campo buscando entender tal dinâmica. Podemos entrever

que o bairro de Juquehy mostra-se inserido na totalidade da cidade e do urbano em duas faces diametralmente opostas e contraditórias, a centralidade, próxima à praia e o chamado "sertão", próximo à rodovia e adentrando até as encostas da serra, estendendo o bairro de maneira fortemente segregada.

Imagens 5 e 6: Vista da ocupação no sertão de Juquehy a partir da rodovia



Fonte: Google Maps (2024)

É no bairro que ocorrem as relações mais imediatas e cotidianas. De acordo com Lefebvre (1975), o bairro pode ser compreendido como a organização concreta do espaço e do tempo da cidade, não podendo, entretanto, ser interpretado isoladamente pois, como afirma Carlos (2018, p. 36): “A cidade diferencia-se por bairros, alguns em extremo processo de mudança; mas cada bairro isoladamente, impede o entendimento da cidade em sua multiplicidade, em sua unidade”.

Imagens 7 e 8: Vista da ocupação no sertão de Juquehy a partir do mesmo ponto da rodovia.

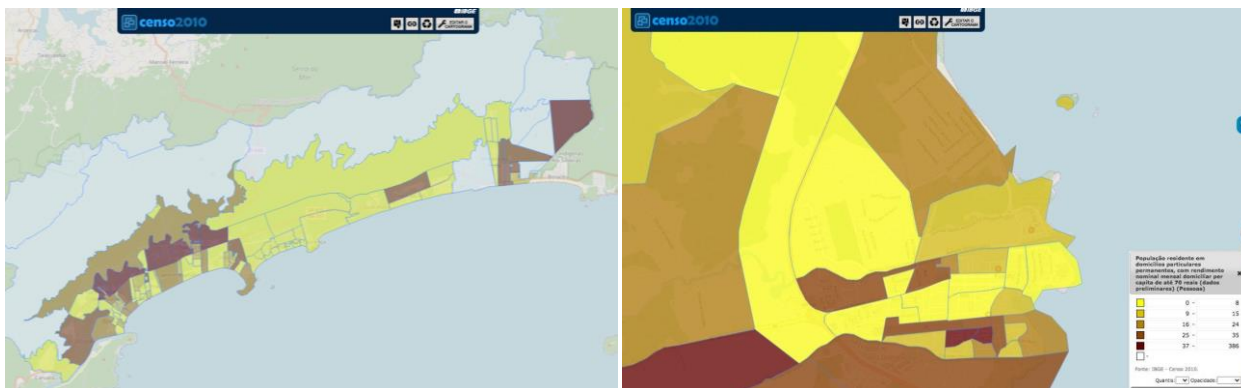


Fonte: Google Streetview (2024)

Os moradores são os agentes principais no uso e apropriação do espaço, sendo que a dimensão espacial dos bairros de São Sebastião, sendo construídos estrategicamente para valorizar os vazios urbanos que resultaram na fragmentação do espaço e na criação de lotes

vagos. Há a implantação precária dos equipamentos urbanos, construção de moradias e uma população que depende de relações de trabalho precárias, especialmente ligadas ao turismo.

Imagens 8 e 9: Mapas de Bertioga e Paraty



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022)

A comparação entre São Sebastião e Paraty traz outro fator preponderante para o mercado imobiliário e turístico, pois, nesse caso, o interesse se concentra no centro histórico da cidade. Ao redor deste centro, se expressa a desigualdade na forma de bairros populares que não se conectam com a área turística. As fronteiras entre o centro histórico e o bairro de Ilha das Cobras se dão em linhas retas na forma de muros, linhas de transmissão, rios e ruas sem saída. Nesse sentido, possui semelhança com o processo de segregação de Juquehy por estar baseado em fronteiras veladas mas que a disparidade social pode ser vista nos mapas gerados por setor censitário do IBGE, como mostra a imagem 9. A compreensão de Cruz (2012), em relação às cidades históricas aponta nesse sentido:

Processos tais como segregação socioespacial de residentes e periferização em “cidades históricas” resultam da articulação, bem sucedida, entre políticas urbanas e políticas de proteção do patrimônio histórico-arquitetônico, associação esta passível de ser apreendida por meio da policy analysis, em que se considere as diferentes dimensões da política pública (2012, p.)

É comum que processos de patrimonialização e proteção ambiental tenham afetação desigual sobre a elite e a classe trabalhadora. No caso da população trabalhadora, as leis de proteção ambiental, ao mesmo tempo que muitas vezes não são cumpridas em outros casos,

impedem a instalação de infraestrutura nesses locais criando um impasse (MARICATO, 2003) e explicitando a contradição.

Imagens 10 e 11: Perspectiva comparativa em Bertioga, entre a urbanização do lado cercano a praia (acima) e do lado do "sertão" (abaixo).



Fonte: Google Maps (2024)

Tendo as estratégias de marketing como um dos instrumentos de controle ideológico do capital, a grande visibilidade que obras defronte à Rodovia Rio Santos ganham, explicitam os constantes ímpetos de transformação da paisagem - razões pelas quais são preferidas as políticas públicas de habitação que favorecem longas e custosas obras, que solucionam precariamente o problema do déficit habitacional e das ocupações irregulares.

Imagens 12 e 13: Perspectiva comparativa em Bertioga, entre a urbanização do lado cercano a praia (acima) e do lado do "sertão" (abaixo).



Fonte: Google Maps (2024)

Nas imagens 10 e 11 retiradas da plataforma Google Street View, vamos as fronteiras urbanas como a rodovia Rio-Santos acabam sendo pontos de tensão e de encontros possíveis entre diferentes grupos sociais que têm experiências e lógicas de vida distintas.

A cidade agora situada em uma rede empresarial globalizada, compete por investimentos e fluxos de capital. Nessa nova ordem, a força da imagem construída e divulgada por meio da seleção e da renovação da paisagem urbana ganha papel de destaque, pois o



“consumo visual é inseparável das estruturas centralizadas do poder econômico” (Zukin, 2000, p. 84)

Como Roberto Montemor entendemos como fundamental a construção de espaços permeáveis, participativos e democráticos no espaço urbano (MONTE-MÓR, 2003, p. 92). Fronteira, aqui entendida, vivida e sentida, é vista como um substrato material da nossa sociedade urbana contemporânea, e é trabalhada enquanto um fenômeno econômico. A experiência de vida nos diferentes lados da fronteira, diferentes experiências da lei, da política e do governo, da forma como a polícia age, dos direitos elementares, tais como a liberdade de circulação e a liberdade. Paes aponta como pode haver a readequação do uso do território que favorece a população local, em uma relação contraditória. Isso explica as relativamente boas condições de saneamento básico, energia e transporte na cidade de Bertioga a mudança da relação espaço -tempo no mundo moderno, realizando o espaço enquanto mercadoria ao mesmo tempo em que submete o tempo do lazer ao mundo da mercadoria.

A urbanização expulsou desde muito cedo, na história desse espaço geográfico, a população mais pobre para o fundo das planícies e o sopé da Serra do Mar, reservando as praias exclusivamente para aqueles de maior renda, que se distribuem em condomínios e loteamentos fechados, ou, em bairros que, simplesmente, dificultam o acesso às praias, privatizando-as direta ou indiretamente. Como tendência predominante no litoral norte, constituiu-se uma zona de

veraneio ligada aos segmentos sociais de maior renda, portanto, uma zona de veraneio de uma elite (SCIFONI, 2006, p. 176).

Em relação à pesquisa de campo teste, os resultados obtidos apontam para um perfil de ocupação recente, com apenas 20% dos entrevistados morando no local há mais de três anos, sendo 35% a mais de um ano. Com relação à condição de trabalho, 60% dos entrevistados relataram possuir trabalho autônomo, distribuídos entre artesãos, diaristas, motociclista/entregador de aplicativo, vendedor de produtos na praia e prestador de serviços de obra. Somente 35% afirmaram trabalhar com carteira de trabalho assinada, em funções como operador de caixa, atendente em lojas e restaurantes, entre outras atividades.

Com relação às razões para morar no sertão de Juquehy, destacamos que 65% das pessoas relataram a preferência de se viver próximo ao local de trabalho, somado ao custo dos aluguéis em cidades turísticas que mostra-se proibitivo à classe trabalhadora. Apontamos também para os 35% que avaliaram considerar apenas o fator custo. Essa distinção nos pareceu pertinente pois o custo de uma casa na ocupação, seja autoconstruída ou alugada é evidentemente menor do que um aluguel, mesmo em bairros distantes. No entanto, ele é um fator determinante e procuramos testar se o fator custo é mais ou menos importante que o fator tempo de deslocamento. Nessa direção, alguns entrevistados relataram que, por serem trabalhadores autônomos, perder entre duas, podendo ser até mais de cinco horas, considerando ida e volta ao local de trabalho, representa menos tempo disponível para prestação de serviços. Este fator se agrava na temporada, onde o trânsito causa um tempo maior de deslocamento, ao mesmo tempo que a demanda de trabalho aumenta.

Na quarta pergunta procuramos saber onde essas pessoas moravam anteriormente. As respostas apontaram para 50% delas vivendo em municípios vizinhos, quase todas elas em Caraguatatuba. Outros 30% em São Sebastião em bairros como Topolândia ou sertões de outros bairros como Vila Sahy e Camburi. Neste tópico, não podemos deixar de lembrar a tragédia que ocorreu no município de São Sebastião após as fortes chuvas em fevereiro de 2023, sendo a região mais atingida compreendida justamente entre Juquehy e Barra do Sahy, onde os deslizamentos levaram à morte de 64 pessoas e centenas de desabrigados. A tragédia causada pela dinâmica excludente somada à inoperância do poder público parece ter causado uma grande movimentação de pessoas entre os bairros da cidade. Dos entrevistados, dois deles, fora

do escopo do questionário, relataram terem vindo de ocupação na Vila Sahy por medo de novos deslizamentos.

Por último, buscamos saber as perspectivas dessas trabalhadoras e trabalhadores com relação ao futuro. Nesse tópico, chama atenção a maioria considerável que deseja permanecer no bairro ou adjacências. Nas conversas fora do escopo do formulário, as pessoas relataram que o local possui grande oferta de emprego, condições de segurança melhores que em outros locais - a maior parte da ocupação fica em área às margens da rodovia e não junto às encostas como na Vila Sahy e Topolândia. As pessoas relataram também que temem ir para uma cidade maior como São Paulo, Santos, São José dos Campos ou mesmo Caraguatatuba e terem que lidar com questões ainda piores como morar em bairros distantes do centro e/ou favelas, índices de criminalidade das grandes cidades, entre outros fatores apontados pelos entrevistados.

Trazendo a abordagem da problemática da moradia e trabalho e suas contradições, a fim de apreendê-la em sua totalidade, apoiamos em referenciais do materialismo histórico e dialético. Do ponto de vista da economia sob o filtro da ideologia, o capital auferi lucro-juros, a terra permite a extração da renda fundiária e o trabalho recebe o salário. Estes três elementos aparecem de forma autônoma como se cada um gerasse sua própria riqueza, encobrindo o fato que essa é gerada pela força de trabalho e apropriada em forma de mais-valia. Portanto, é fundamental restituir esse processo à sua totalidade, de articulação destes três elementos, em um movimento da análise à síntese.

(...) o processo de produção capitalista é uma forma historicamente determinada do processo de produção em geral. Este último é tanto um processo de produção das condições materiais de existência da vida humana enquanto processo que, ocorrendo em relações histórico-econômicas de produção específicas, produz e reproduz essas mesmas relações de produção e, com isso, os portadores desse processo, suas condições materiais de existência e suas relações recíprocas, isto é, sua forma sócio-econômica determinada (MARX, 1988, p. 254).

Seja construída ao redor de condomínios, escalando as encostas ou do "outro lado" do rio ou da rodovia, as fronteiras urbanas são espaços onde a desigualdade se ilumina, expressando as contradições do capitalismo, como aponta CARLOS (2014), reproduzindo “sob formas sempre renovadas do processo de valorização que cria a cidade como segregação”, conduzindo a população trabalhadora a ocupação de espaços urbanos marginais.

A apropriação do espaço urbano é definida por Santos (1999) como resultado da disputa

por seus usos, sendo efetivada pelas dinâmicas de mercado e influenciando seja em sua totalidade, seja nas partes da cidade, como no caso. das disputas pela compra e venda de imóveis influenciando a composição e localização de apartamentos residências, condomínios, favelas e outras formas de moradia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho avaliou até o momento, aspectos relativos às condições urbanas presentes em Jaquehy, apontando para o flagrante contraste entre a área do bairro gerido pela associação de moradores e a periferia do bairro, sertão e as ocupações ao longo da rodovia.

O resultado apresentado até aqui é de que os conceitos chaves como 'condominização' e 'periferização', ainda que possam parecer simplificações, contribuem na explicação de algumas das muitas formas complexas com as quais ocorrem as ocupações urbanas nos municípios litorâneos localizados entre a escarpa da Serra do Mar e o Oceano Atlântico. Nesses municípios, o processo histórico de ocupação ocorreu na forma de pequenas povoações esparsas pela costa. Com a chegada das rodovias, a facilitação no acesso colocou as comunidades caiçaras sob a mira desde pequenos capitalistas, que ganham dinheiro com o mercado de terra, até grandes incorporadoras que projetam condomínios, hotéis e resorts.

A perspectiva de exploração do espaço pelo turismo de massa é uma potencial causa das fronteiras urbanas da segregação, potencializando ainda mais a desigualdade e os próprios espaços de segregação, que se amplificam. A classe trabalhadora fica restrita a espaços marginais, além de fronteiras, que podem estar materializadas na forma de rodovias, rios, muros, áreas de preservação, etc.

Pudemos entrever algumas consequências das transformações promovidas pelo capital imobiliário e turístico, com pleno apoio do Estado, que colocam o interesse privado sobre o público nas dinâmicas urbanas que nortearam a ocupação e transformação da paisagem de São Sebastião.

Dentro do modelo socioeconômico capitalista, ou, em outras palavras, simplesmente, no “sistema” - esse que nos coloca sob sua tutela sugando todos os dias a força de trabalho da população em troca de migalhas de consumo - colocando automaticamente uma população trabalhadora na marginalidade das condições de acesso à habitação, serviços públicos básicos

como saneamento e luz elétrica, calçamento nas ruas, etc. No caso dos mercadores da terra de São Sebastião, o avanço das cercas para além de suas propriedades se dá sem constrangimento, seja sobre áreas públicas, de mananciais, de servidão de linhas de transmissão de energia e dutos da Petrobrás ou terras sob imbróglis jurídicos.

A ideologia de um modelo econômico capitalista se coloca como único modo de vida possível trazendo à sociedade uma realidade transformada, seguindo preceitos daqueles que são donos dos capitais - produtivo ou especulativo/imobiliário. Milton Santos (2003) quando afirma que o terceiro mundo necessita de: “uma combinação adequada de tecnologias que assegurem tanto o crescimento quanto o bem-estar, dentro de um outro sistema econômico e social” (p. 30), nos instiga a produzir pesquisas e reflexões que possam contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que se manifesta em um espaço urbano acessível à moradia e condições de trabalho dignas e direito ao acesso aos espaços de lazer tais como cachoeiras, praias e a natureza que resiste nas cidades litorâneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único – desmanchando consensos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BOSI, E. Sugestões para um jovem- pesquisador. In: _____. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo, Ateliê editorial, 2003, p. 59-67.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CORREIA, Roberto Lobato. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
_____. O Espaço Urbano. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GOOGLE MAPS. [ssd]. Disponível em <https://www.google.com.br/maps>. Acesso em: 20 de setembro de 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Aglomerados Subnormais. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/agsn/>. Acesso em: 30 set. 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2010. São Paulo: IBGE, 2021. Acesso em 23 de setembro de 2021
Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/saosebastiao/panorama>

LACOSTE, Y., **A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos**. Seleção de textos (Teoria e Método). N. 11, São Paulo, AGB/SP-AGB DEN, 1985; p. 01-23.

MARTINS, José de S. **Sobre o modo capitalista de pensar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **A chegada do estranho**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARICATO, Ermínia. Habitação e Cidade. In: Espaço e Debate. São Paulo: Atual, 1997.

_____. Urbanismo na Periferia do Mundo Globalizado: metrópoles brasileiras. São Paulo em Perspectiva. São Paulo, n. 14 (4), pp. 21 – 33, 2000

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia Alemã**. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. 3a ed., Lisboa/São Paulo: Presença/Martins Fontes, 1980

PATADATA. Mapa interativo racial do Brasil. 2015. Disponível em: <https://patadata.org/>
Acesso em 24 de setembro de 2023

SANTOS, Milton. **Urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SERPA, A.; CARLOS, A. F. A. (org.). **Geografia Urbana: desafios teóricos contemporâneos**. Salvador: EDUFBA, 2018

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo, Studio Nobel, 2001